

EXPERIÊNCIAS E PERGUNTAS DESSE TEMPO

Notas da Assembleia do dia 18 de fevereiro de 2021 do grupo de Universitários de Comunhão e Libertação (CLU) por videoconferência. Participou Marco Montrasi (Bracco), o responsável de CL no Brasil, e outros amigos que acompanham os universitários de CL.

Colocação: Eu sempre fui uma pessoa cheia de perguntas e desconfiada de tudo. Claro que quando chegou a pandemia não foi diferente. A primeira coisa que tentei entender foi o porquê, e como não tive resposta fiquei com raiva. Não entendia o motivo de tanto sofrimento, acho que não é fácil ser brasileira, principalmente agora. E junto com todas essas dores e perguntas, veio a desconfiança, de que nada tinha sentido, de que tudo que vivia dentro do Movimento não me ajudava mais, revisitei todos os sentidos da minha vida... Só que o mais engraçado era que assim que começou tudo isso, a companhia dos meus amigos aqui dentro aumentou. As chamadas de vídeo, as aulas de yoga por skype, as músicas montadas... E fui levando o ano dessa forma, aos poucos, com mil perguntas. Eu faço psicologia, e uma das primeiras coisas que entendi quando entrei foi que ter a verdade de algo é quase inconcebível, entender o inconstante e estar aberta a compreender tudo que acontece sem um juízo de valor é muito importante. Entender a vida dessa forma não é fácil, fica tudo muito intenso e eu sentia que me atrapalhava um pouco ao viver minha fé, e isso me incomodava. Não conseguia entender porque Cristo me deu toda essa companhia, todo esse Movimento e a Igreja e me deu também o contrário disso tudo (as matérias materialistas, os amigos completamente diferentes, minha concordância com muita coisa...). A vontade de só escolher um lado e viver assim era gigante. Mas a questão é que trabalhando esse ponto 9 na Escola de comunidade [livro *Deixar marcar na história do mundo*], no qual fala sobre o carisma, sobre a forma que o Espírito chega, e escutar meus amigos contarem as próprias experiências, me fez pensar no que me acontece, na história que já construí com a fé até aqui... e comecei a ver quase como um sinal, uma resposta, que isso tudo que me acontece sou eu e Ele também. Que se Ele não tivesse me dado tudo, me fizesse abrir para tudo que está à minha frente, talvez eu nem estivesse aqui. Comecei a agradecer porque entendi que ter esse carisma e essa companhia que me marca, é o que me salva, é o que me mantém em todos os espaços. Me senti abraçada e acolhida, por vocês e por Ele, que é o que une tudo isso.

Bracco: Esse questionamento é bom porque é a ocasião para você pensar. O que significa você pensar? Começar a pegar aquilo que lhe foi dado e olhá-lo, e verificá-lo; e falar: mas isso me serve? Me serve para viver? O que isso muda em mim? Me serve para entrar nessa circunstância? Me serve para conhecer aquela pessoa, que parece estar do outro lado do mundo das ideias que eu tenho? Me serve para verificar? Então [pensar] é descobrir, de dentro de mim, que aquela coisa que me foi dada se tornou minha. Sem essas crises, não aconteceria esse “me fez pensar”, não se tornaria seu tudo aquilo que lhe foi dado. Essa é a coisa mais bonita, quando acontece esse caminho. Então, a primeira coisa: não ter medo de entrar em crise. Do tipo: “Puxa, você me deu isso, agora me coloca em crise com o cara que me fala que Deus não existe, que sua fé não serve pra nada? Olha o que está acontecendo, todas as mortes!” Essas são coisas que nos obrigam a pensar. A pensar, a se fazer perguntas. Mas o que eu encontrei? Esse “tudo que me foi dado” é meu, ou é da minha mãe, do meu pai? Ou é do Alexandre, ou é do Bracco? É meu, começou a se tornar meu. E não colocar em dúvida, e começar a estar abertos a isso. Verificar significa isso. Você sabe que tem uma coisa preciosa e verifica: o que quer dizer isso? Mas essa coisa que eu encontrei, como é que julga isso que esse cara está me falando? E aí você verifica. Não é estar de um lado ou de outro, mas você vê se aquela coisa fica com aquela objeção, com aquele rio que chega impetuoso contra as suas convicções. Você tem que se dar conta se as suas convicções começam a viver; não perdem vida. Não é que não abala, sabe? Fazer você pensar é isso. Talvez parece que vai tudo embora

e depois você vê um brotinho. Vê um brotinho, dentro de você, uma coisa pequeníssima. E antes, todo aquele tudo que você tinha era como uma superestrutura que estava lá, mas não era o seu brotinho. E não tem comparação o tudo que não é ainda seu, com esse brotinho que começa a ser seu. E com esse brotinho você entra no mundo sem medo. Tanto que você falou: “eu comecei a agradecer”. Não é que você teve todas as respostas a tudo aquilo que era contra o tudo que você encontrou. As perguntas continuam, os problemas continuam... Mas você começou a surpreender um brotinho, seu, que nasceu dentro de você, de algo que você encontrou, mas que fez como nascer algo que criou um vínculo, que está dentro de você aquilo que você encontrou, que foi dado. Começou a se tornar seu. Porque é impossível falar “começou a agradecer”, a não ser por algo que começou a se tornar seu. Então, essa experiência que você contou, acho que é útil para todos nós. Se tem outros que querem falar dessas crises, ou de brotos.

Colocação: Bracco, eu tenho uma pergunta sobre isso. Eu me identifico muito com que ela falou antes. E, de certa forma, vejo que em alguns momentos da minha realidade, acho que vivo uma realidade muito parecida com a dela, de ter o tudo e ter o contrário do tudo também. Você falou uma coisa que estou matutando. Você falou o seguinte: “a minha fé não é uma escolha para me separar do mundo”. E muitas vezes eu senti na minha vida que ela foi! Que eu assumir que sou católica criou uma barreira entre eu e alguns amigos que acharam isso besteira. Por exemplo, a gente estava tendo uma conversa, aí disseram: “Ah, não, mas você é cristã, por isso que você pensa isso”, e acabou a conversa. Como é que se definir é algo que não o afasta, não o separa do mundo, não cria uma barreira quando eu me defino?

Bracco: Vamos tentar responder com algumas experiências que fizemos disso.

Colocação: Essa também foi uma pergunta que eu carregava, e de fato eu comecei a entender um pouco isso quando eu conheci a Giovanna aqui em São Paulo. Muito porque antes de qualquer definição que você conseguia impor, a personalidade dela gritava mais alto. Então você não conseguia encaixar em nenhuma definição isso que acontecia comigo, pelo menos quando eu a via. E eu sabia que eu não era louco porque outras pessoas também falavam assim. E eu queria saber então dela, como é que ela se define no mundo. Quando eu a vejo, eu não consigo encaixar uma definição. Então, por isso que eu lembrei o nome dela, porque pelo menos para mim foi quem começou a dar uma luz no fim do túnel para essa pergunta também.

Giovanna: Caramba! Eu acho que o problema maior é quando a gente quer se definir, né? Porque o cristianismo não é uma “definição”. Não sei como dizer... Porque a experiência que eu tenho, um pouco é o que eu vivo: eu trabalho, eu vivo, encontro vocês, eu escuto o Bracco, converso com o Alê, converso com vários de vocês aqui. É como se isso fosse transbordando, entende? Transbordando também de uma definição que eu vejo que as pessoas tentam me colocar. Às vezes eu faço uma experiência que é como se as pessoas me olhassem como católica, então tentassem fazer um esforço de me colocar na caixinha delas do que é ser católico. Então, “Nossa, você bebe cerveja!”. Então, não sei como dizer, é como se eu visse que são as pessoas que vão tentando colocar a gente numa caixinha. Mas o que eu encontrei não é uma caixinha. Não é! Quando alguém descobre que eu vou à missa todo dia, pelo amor de Deus! “Nossa, você vai à missa todo dia?” Eu gosto de ir, eu preciso ir. É isso, é minha vida, me apaixonei. Você vê seu namorado todo dia? Você gostaria de ver? É isso. Lendo a Escola de Comunidade, eu acho que essa era a coisa que as pessoas pensavam quando iam encontrando Cristo. Tinha lido aquele Evangelho em que fala: “Nossa, mas ele não é o filho de José, o carpinteiro? O filho de Maria?” As pessoas iam tentando encaixar. Diziam “Mas não pode ser ele, né? Mas esse?”. Entendo essa coisa que vocês falam. Por exemplo, quando eu digo que sou católica, eu vejo que o preconceito ou é meu, ou é nosso – católico –, um

medo do mundo, de dizer que a gente é católico, que a gente reza, que a gente vai à missa... Ou são as pessoas que acham que já sabem o que é uma pessoa católica! Vejo que uma professora tenta me contar tudo que tem a ver com a Igreja. Só que eu quero dizer para ela que não precisa só me falar da Igreja, sabe? Eu também começo de outras coisas, a gente pode falar sobre tudo, sobre o que está acontecendo no mundo. Não sei se vocês já se perguntaram: o cristianismo deu o quê para vida de vocês? Colocou vocês só de joelhos? Fez vocês ficarem rezando o terço todo dia? Não sei. O que aconteceu quando vocês encontraram Cristo? Porque, para mim, eu comecei a falar até em italiano, entendeu? Eu acho que essa é a coisa mais louca, que é uma aventura lidar com a definição. Porque depois se a gente vai discutir com as pessoas... Acho que é um pouco o que o Carrón tem falado tanto. É a forma como a gente vive. A forma como eu dou aula agora... E eu surto nas aulas. Ser católica não é ser perfeita. Gente, eu não sou perfeita e eu também não sou os meus defeitos. Eu sou livre, no sentido de que sou perdoada. A medida da vida é outra.

Colocação: Eu acho que eu posso dar um exemplo mais concreto da minha vida: eu vejo que quando alguém descobre que eu sou católica, principalmente lá na minha faculdade, a primeira reação é sempre a mesma: “Nossa, mas você está aqui nessa festa!”, “Nossa, mas você é católica? Nunca imaginei!” Eu sinto que depois que a pessoa descobriu, cria uma barreira entre mim e essa pessoa, e eu nem entendo como essa barreira surgiu, mas ela surgiu. Existe ali uma pretensão sobre mim, a partir desse momento. (...) Eu vejo que ele espera uma série de coisas minhas que não são verdade. Eu sinto que existe sim um muro. Isso que você falou, Gi, muitas vezes uns amigos meus se questionaram: “Mas você não acha que você é católica por uma dominação cultural, hegemônica, que foi imposta sobre você? Por que você se considera católica?” Parece que eu tenho que ficar toda hora me provando, isso aumenta a barreira... Me provando não, porque eu acho que isso não é definição, não é ficar explicando que eu sou católica para alguém que não está nem querendo ouvir, para falar a verdade, só está querendo realmente desafiar. Não é isso. Tanto é que eu não perco tempo com isso, eu falo: “Olha, é simples, é uma experiência”, sempre falo isso. “É simples, é uma coisa da realidade”. “Não sou católica na missa de domingo”. Sempre falo isso. “Ser católica não é um modo de vida, mas”... É também, mas é um modo de vida que não é uma roupa que eu ponho, é uma coisa que eu escolho, uma coisa que faz parte de mim. Então eu sinto que existe essa barreira. Eu entendo que a minha fé me ajuda a ser livre. Então, de um lado eu entendo muito isso que o Bracco falou, de que a minha fé não é uma escolha para me separar do mundo. Mas ao mesmo tempo sinto que às vezes ela nos separa, por isso que eu fiz essa pergunta.

Colocação: Posso acrescentar um pouco de lenha na fogueira? É uma pergunta que eu tinha também, não tinha pensado em falar, mas com tudo isso... Tem uma parte da Escola de Comunidade que fala assim: “A pessoa escancara o coração a uma preferência – falando do cristianismo – que só é verdadeira quando se abre à necessidade do mundo inteiro”. E aí eu fiquei pensando muito nisso: o que significa se abrir à necessidade do mundo inteiro? Penso que eu gostaria de estar concretamente mais aberto às feridas das pessoas que trabalham comigo. Por exemplo, acabei de voltar de férias, na primeira semana meu amigo falou assim: “Nossa, primeira semana, já estou muito cansado. Acho que tem alguma coisa errada. Acho que a gente tinha que trabalhar só quatro horas por dia”. E aí eu olhava para ele, e ele falava: “Não quero estar trabalhando pensando em quando eu vou estar descansando. Trabalhando pensando no fim de semana ou nas férias”. E eu olhava para ele e falava: “A gente tem que lutar por condições de trabalho melhores, mas também não é só isso. Eu posso ficar trabalhando quatro horas pensando nas outras quatro”. E então como estar mais aberto realmente à necessidade do mundo? O que é isso, o que significa estar aberto à necessidade do mundo inteiro? Porque acho que isso corresponde mais do que viver uma fé como clubinho, só entre a gente. Mas ao mesmo tempo é um desafio, porque a cultura moderna vai contra a

experiência do encontro. Porque se alguém perguntar, se quiser saber como é o cristianismo e falar “Ah, vou perguntar para um cristão o que aquele pensa do aborto”. “Vou perguntar para o cristão o que ele pensa da vida pós-morte”. Essas pessoas estão acostumadas com argumentação e não com o encontro. Então, o que é esse estar aberto à necessidade do mundo inteiro?

Bracco: Eu queria dizer uma coisa sobre essa conversa. Quando você fala “definido” eu entendo assim: quanto mais você é certo daquilo que você encontrou, é como se o seu nome não fosse mais o seu, como Simão: Simão encontrou Jesus, e Jesus o chamou de Pedro. Aí a definição dele é como se tivesse mudado por um encontro. Não por uma série de regras que ele precisava começar a seguir. Então a primeira coisa que eu entendo quando você fala “a definição do meu eu” é que o meu “eu” mudou por causa de um encontro. Eu sou um eu que fez um encontro, e você também. É isso que me define. Esse encontro mudou a minha personalidade, mudou o meu rosto, mudou a minha forma de viver. E isso o separa do mundo, sim, separa. Não temos que ter medo disso. Separa, porque quanto mais alguém pergunta: mas por que você é assim? Por que você namora de um jeito diferente de todo mundo?, você poderia responder que é porque tem uma forma de amar que você descobriu que é muito mais respeitosa, que ama mais. Que ama mais! Uma distância que ama mais que agarrar. Eu entendi isso! A certo ponto, esse encontro começou a definir uma outra coisa de mim, que eu não sabia, mas que eu entendi. Eu entendi que era algo interessante, eu entendi que não era fácil, que era amar com uma distância e isso era muito mais correspondente do que amar como eu queria, com a minha ideia de amar. Essa coisa não é uma regra. É uma coisa que se tornou parte da definição do meu eu; que continua a ser pecador, mas encontrou uma experiência que mudou a definição do meu eu. (...) Então, podemos dizer que isso é verdade que nos separa. Mas isso não está em contradição com aquilo que nos define. E nos coloca mais em relacionamentos verdadeiros, porque nos obriga mais a ser nós mesmos e a falar das razões da nossa vida. Então é bom que vocês experimentem isso. Mas você vai ver que quanto mais acontece algo que te define tanto, que muda tanto o seu eu, mais isso irá contra a aparência de ser um “separado”, isolado, um E.T. dentro do mundo. E esse se dar conta daquilo que define o seu eu (que é muito mais da definição “eu sou católico!”) vai fazer as coisas tomar vida, flores, perfumes, quem antes te “separava” não vai mais te abater com aquilo que irá te falar. Porque você sabe que quando acontece algo verdadeiro você está muito mais junto com as pessoas do que separado. Você está muito mais dentro; você está muito mais aderindo às necessidades do mundo do que separado pelas objeções que os outros lhe colocam pelo fato de você ser diferente. Então é uma coisa de que vocês têm que fazer experiência. Com os amigos de vocês, tem uma dor? Tem. Tem um sofrimento? Tem. Mas quanto mais você terá certeza daquilo que define você, de quem é, de que tipo de experiência proporciona, mais experimentarão que isso os coloca muito mais juntos de quanto eles querem separar vocês. Essa separação é uma aparência. Porque vai ver que irá acontecer de alguém olhar para você pensando: “Mas aquela católica, como me incomoda o todo tempo” – e depois procurará você, depois perguntará alguma coisa, depois mandará um WhatsApp... Entende? É uma aparência essa barreira. E quanto mais vocês forem vivos, então definidos – não indefinidos para ficar mais acolhidos no mundo, não: bem definidos, de um amor, de um vínculo –, mais essas barreiras serão atravessadas, mais vocês vão gerar incômodo, mas não pelas ideias, sabe? Ou pelo rótulo de “católico”, mas pela presença. Esse é o desafio nosso no mundo agora. Enquanto todo mundo briga no âmbito das ideias, nós não temos que ter medo das barreiras que são atravessadas por uma presença que ama. Porque quando você vive isso, você começa a amar, você é o primeiro que tira as barreiras. Todos os que pensam contra, os que são mais contra as ideias do catolicismo se tornam aqueles que talvez você mais ama, mais quer encontrar... Isso é fantástico.

Colocação: Eu gostaria de compartilhar com vocês um pouco da minha experiência, do que foi o Movimento para mim. Quando eu era menor, eu vivia na Igreja, todo domingo, frequentemente. E aquilo para mim se tornou algo mecânico, sabe? Eu fui crescendo e fui perdendo completamente a vontade de ir para a Igreja. Não queria ir porque aquilo se tornou como se fosse uma obrigação, não uma vontade. E aí eu fui me afastando até me afastar completamente da Igreja. E aí o tempo foi passando. Quando eu me mudei de cidade, conheci uma amiga e ela conheceu o Movimento. E ela vivia me falando no Movimento: “Ah, vamos para o encontro”, “Vamos para o encontro de Carnaval”. E eu dizia: “Ah, não... A gente vai rezar a semana toda de Carnaval”. E ela disse assim: “Você só vai poder saber quando tiver sua experiência”. E aí ela me perturbou a semana, acho que o mês inteiro, para eu ir para esse encontro. Depois eu comecei a procurar desculpas: “Não tenho dinheiro”. “Não, eu pago o seu encontro”. Ela me perturbou tanto que eu falei “Tá bom, eu vou”. E eu não conhecia ninguém, somente ela. E eu entrei meio que em pânico, porque eu não conhecia ninguém, eu não sabia como que funcionava... Mas eu falei assim: “Quer saber? Eu vou de coração aberto”. E aí foi uma experiência única para mim, porque a partir desse encontro eu comecei a ver as coisas claras, eu comecei a sentir uma vontade, uma sede de mais, e mais, e mais. Então eu comecei a frequentar as coisas de novo. A missa, os encontros... E quando você fala “encontro”, para mim é uma coisa muito importante, porque quando a gente fala de encontro de carnaval, não sei vocês, mas para mim teve um encontro em especial que eu lembro exatamente a hora, o dia e como eu estava, onde eu estava, em que tudo mudou para mim. Aconteceu que eu já não me sentia a mesma pessoa de antigamente; era como se eu tivesse nascido de novo. Era como se as coisas para mim se tornassem diferentes. Eu comecei a ver as coisas diferentes, a ver o “Tu” diferente. E para mim isso é uma experiência única, porque quando eu falo do Movimento, eu chamo as pessoas, mas porque é um querer que aquelas pessoas sintam a mesma coisa que eu senti naquele momento que eu fui para aquele encontro e abri meu coração para isso. (...) E sempre que as pessoas me perguntam: por que a Igreja?, por que o Movimento?, é porque o Movimento em si recebe você, ele não julga você pelo que você é, pelo que você pensa, mas ele recebe você. E tem uma Presença através do rosto das pessoas. No final da semana passada teve um “Acampamento Online”, e aquilo para mim foi incrível, incrível, incrível! Por mais que o encontro de carnaval fez muita falta, eles poderem proporcionar que a gente se encontre mesmo que seja de longe, poder ver as pessoas de outros lugares, e a gente poder brincar e se divertir, para mim aquilo foi incrível, foi incrível de verdade mesmo! Eu tive a mesma sensação do encontro online para o encontro pessoal, aquele encontro que a gente vai, abraça todo mundo, é a mesma sensação. Eu voltei da mesma forma, com o coração cheio, transbordando da Presença.

Colocação: Trabalhando esse ponto na Escola de Comunidade, quando eu me dava conta da preciosidade do carisma, a primeira pergunta que me vinha é: “por que eu?” Por que eu tinha encontrado essa coisa e as outras pessoas não? Por que eu tinha essa coisa que me separava do mundo? Eu não entendia. O primeiro pensamento foi: “Não é justo. Não é justo que eu tenha essa coisa e que as outras pessoas não tenham, sendo que o que eu encontrei responde a eles também”. E comecei a perguntar a Dom Paulo, depois ele me explicou um pouco sobre o método que era um método como Deus agia, e aí depois de um dia não fiquei satisfeita, comecei a perguntar para minha irmã, para os meus pais, e eu não entendia sobre a preferência. Não entendia. Não é que eu entenda agora também, porque é uma pergunta que eu me faço. Mas escutando agora esse testemunho, é verdade que é assim que Deus age. Foi através dessa amiga que a chamou para o encontro, como aconteceu com muitos aqui. (...) Porque eu entendi que realmente é assim, que tem um grupo eleito, preferido, e não por uma capacidade. Tem uma parte do livro que fala que não é por uma capacidade dessas pessoas, não por uma habilidade, mas por uma preferência a esses, chega a outros. Então sempre que eu escuto essa experiência de alguém que fez um encontro assim, que não queria fazer, aliás –

porque ela falou que não queria nem ir para o acampamento – me faz me dar conta de que o cristianismo é de fato uma preferência de uns para chegar aos outros. E esse foi o caminho que estava fazendo nesse ponto, me dando conta do carisma. E outra coisa que me impressionou muito quando ela estava falando, foi que eu lembrei dessa parte do ponto 9, quando falava do fator histórico, bem no finalzinho, porque ele dizia sobre... “algo histórico, concreto, tangível, sensível, descritível, fotografável, dotado de nome e sobrenome”. Porque quando ela falou que foi naquele encontro, ela se lembrava da roupa que usava, se lembra do dia, da hora. Então é sempre por um fator histórico, porque na última frase do ponto ele fala: “Falar de um carisma sem historicidade é falar de um carisma que não é católico”. Então, para mim, foi a prova do ponto 9 essa experiência, de ser tão concreto que me faz lembrar até disso.

Dom Paulo: Obrigado por tudo o que vocês estão falando, e agora de modo particular esse testemunho sobre o encontro, porque me fez fazer memória do que aconteceu comigo também. Sempre fui católico, mas foi exatamente um encontro como você descreveu, com um grupo de pessoas, que eu voltei para casa explodindo – de alegria, de felicidade, de uma gratidão –, e isso foi só o início, porque depois só foi confirmando em cada encontro. E tanto é que, se vocês voltarem no texto que a gente está trabalhando, quando Dom Giussani fala do acontecimento: o encontro que é um acontecimento que corresponde profundamente à nossa vida, corresponde profundamente à expectativa do coração, enche a vida de significado, de sentido, de beleza; muda mesmo, é uma nova criação, uma nova criatura. Você se torna muito mais você mesmo. Primeira coisa. Mas olha o que fala Dom Giussani: “O impacto com algo irreduzível, irreduzivelmente diferente”. É essa diferença que a gente experimenta, que é tão bela, tão grande, que nos arrasta, nos fascina e começa uma mudança radical em nós. É um homem novo mesmo, uma nova criatura mesmo. Olhem para dentro de vocês, eu olho para mim: como muda o nosso modo de pensar, de agir, de ser, em tudo que fazemos! A primeira coisa é essa, então é um encontro mesmo, como João e André. Você se vê escolhido, preferido. E através disso – o Senhor age sempre assim – escolheu doze, que viveram essa experiência tal; que depois encontraram outros, que viveram uma belíssima experiência, e foi passando de encontro a encontro, de pessoa a pessoa, geração em geração, até chegar a meu pai e minha mãe, até chegar ao encontro com algumas pessoas aqui no Rio – padre Filippo, padre Giuliano e um grupo de amigos. Então você vê o método de Deus, como Ele age. Mas a coisa bonita é essa diversidade, essa diferença que nós experimentamos. E mais ainda: quanto mais passam os anos, eu estou aqui ouvindo vocês, e eu fico comovido. Essas perguntas que vocês têm, o que vocês falaram, tudo, como isso é verdadeiro, como é a experiência que eu faço, que vocês fazem. Mas isso se torna belo e me fascina hoje, agora! O acontecimento é presente! Ouvindo vocês dizerem essas coisas, para mim recupera tudo! É no presente dar-se conta de algo que aconteceu, que me fascinou, mas que me fascina agora, que me toca agora. E é de carne e osso, são pessoas, são vocês! É um caminho que eu faço. Então agradeço por ouvir essas coisas.

E outra coisa: isso nos faz estar tão inteiros, católico ou não católico, não é uma definição, não são títulos, não são imagens: é o que você vive. E aquilo que o Bracco falava também: você começa a amar de um jeito, meu Deus do céu! Amar, olhar para as pessoas de um jeito, possuir – como fala São Paulo – possuir de verdade as coisas, porque você começa a compreender o verdadeiro significado e sentido das coisas. E você reconhece a Presença d’Ele mesmo, mas não como definição: como experiência. Quando você encontra uma pessoa assim, normal, viva, feliz, inteira, é impossível não ficar impressionado. No encontro com os amigos o que mais conta é aquilo que você vive, é a sua liberdade, é aquilo que você carrega, aquilo que você é. É o fato de ser gerado num lugar como esse, e ser continuamente provocados. Uma assembleia como esta é uma provocação imensa, para cada um de nós.

Bracco: Para aparecer o rosto precisa “conectar os pontos”. Porque na experiência que vocês estão vivendo, que eu estou vivendo, nós temos que experimentar o gosto. Gosto, não é só aderir a uma coisa que achamos que é justa. É experimentar um gosto. E o gosto se experimenta na tensão, na tensão de entrar nas coisas, nas crises de ter perguntas. Não tenha medo. O problema é ter dúvidas, a semente ruim de uma dúvida. Mas você pode ter a semente boa de alguém que pergunta. Nós temos que identificar as duas sementes. Eu sempre gostei disso que ouvir falar de Dom Giussani: ver que semente está dentro de mim. Você pode se definir católico, ir em todas as Escolas de Comunidades, e pontualmente, pagar o Fundo Comum, comprar a Revista... mas pode ter uma sementinha lá dentro que é uma semente ruim. É como uma dúvida que temos. E assim podemos continuar a fazer tudo, mas sem o gosto, porque quando eu tenho essa sementinha ruim, não é o gosto que domina. Só que, às vezes, você é a mais errada de todas, chega atrasada, não faz Escola de Comunidade por um tempo, está toda errada, fez besteira, mas tem uma sementinha boa. E aquela sementinha boa invade tudo, e coloca em você a pergunta, coloca a intenção, o desejo de mudar, coloca você na posição justa para começar a pegar todos os mínimos detalhes de verdade, que você começa a intuir, não as verdades que são como pedras em cima da sua cabeça. Então fiquem atrás de quem tem a sementinha boa, que se torne seu amigo. Essa sementinha boa eu preciso reconhecê-la e aceitá-la. Às vezes nós temos isso, mas estamos tão cheios de moralismo e do peso dos pecados ou do mal, que não a olhamos. Aí nos afastamos ainda mais. E ao contrário, mesmo cheio de pecados tem alguém que o ajuda a perceber essa sementinha boa. Aí você explode de vida, até às lágrimas! Com todos os seus erros! Está cheio de perguntas, perguntas que quer entender. Não dúvidas. Não dúvidas no sentido ruim da palavra. Então, tudo isso que vocês falaram é muito bom quando tem essa sementinha boa, que temos que pedir. Entrar na aventura, nos desafios, nos problemas, nas bagunças... Mas quando tem isso, é o gosto de sentir, de perceber alguma coisa que começa a interagir com a realidade. Você não está fora da realidade, mesmo que todo mundo separe você.

Colocação: Meu coração está aqui (pulando), eu precisava disso que o Bracco falou, senão não ia falar. Quando eu conheci o Movimento, para mim foi uma explosão. Eu era evangélica e aí eu conheci outra realidade, que não me separava de nada nem das pessoas, me incluía em tudo, absolutamente tudo. E aderindo aos gestos, aos encontros, às viagens, era tudo muito apaixonante, era tudo muito certinho. Eu fazia tudo, tudo que era possível para mim eu fazia. Teve uma época em que eu comecei a namorar, conheci uma pessoa e eu me excluí de tudo, me excluí das pessoas, da companhia, e resolvi viver meu mundo. Mas, no tempo, ficou muito sufocante. Primeiro, independentemente de que estado eu estivesse, eu encontrei um lugar que me abre a isso mesmo, inclusive à minha pior escolha. Não é um lugar onde só tem lá o santinho que reza, que tem aquele cronograma, que tem que ir à missa. Não, inclusive para mim também tem esses espaços. E quando eu entendi isso, tudo mudou. Eu comecei a ser fiel a esse desejo que eu carregava, de encontrar aquela beleza que eu encontrei um dia. Eu carregava essa sementinha, essa sementinha brotava em mim. E aí eu comecei a participar das coisas com outro olhar. Eu não me excluí das coisas. Eu entendi que é um lugar que me abre a tudo, inclusive às minhas escolhas. E hoje, nesse caminho que eu tenho feito, dessa fidelidade a esse desejo, é uma coisa que eu tenho até falado muito na Escola de Comunidade, hoje já seguimos um outro caminho, já entendemos a importância do matrimônio, do casamento, já desejamos fazer um caminho para poder entender qual o próximo passo. Isso só foi possível porque eu estava disponível. Eu poderia continuar lá no meu mundo, eu poderia continuar lá na minha exclusão. Mas essa sementinha, que eu encontrei lá um dia, que foi ali incomodando, incomodando, me fez voltar de novo. Eu entendi que esse lugar que eu encontrei anos atrás, não é aquele lugar para quem segue as regras certinhas e tal. Não, às vezes as coisas acontecem quando a gente está na pior mesmo. Eu acho que a questão é a

disponibilidade de cada um e a fidelidade a esse desejo. (...) Por que eu desejo o matrimônio hoje? Porque para mim se tornou experiência, partindo da minha disponibilidade.

Alexandre: Acho que a gente tem que terminar, então vamos nos ajudar a entender a dinâmica e chamar a atenção daquilo que eu acho mais interessante. Sobre a primeira pergunta, na pág. 107 e 108 tem um dos trechos que mais me marcou. Em que ele fala: *“Uma morada é como a coagulação da companhia da comunidade e da caridade, numa dimensão real e cotidiana de espaço. É dessa casa que tudo parte, que tudo pode começar de modo novo, que tudo é incrementado, ordenado, reforçado, coberto de ternura. Tudo se torna amor: passam a ser possíveis objetos de amor aquelas pessoas que encontramos na rua, aquelas que encontramos por acaso no elevador, aquelas com quem nos chocamos no metrô e até as pessoas com quem compartilhamos esse espaço ou gesto, para maioria sem sentido, que é o trabalho. A partir dessa morada tudo se pode tornar objeto de amor”*. Se existe uma divisão com o mundo, não é de uma divisão ruim que ele está falando aqui. Está falando de algo que permite que tudo se torne objeto de amor, como isso é desejável. A gente olha para isso e isso é atraente. Mas de onde vem isso? Ele começou falando da morada. Na página anterior tem aquele trecho que eu li para vocês. *“Esse lugar chama-se morada: um lugar onde o homem, ouvindo a voz e a mensagem do seu Senhor, encontra sua companhia. É o lugar em que o Senhor indica o caminho, o trecho de caminho que lhe interessa assinalar, e onde tudo chama a atenção para o destino que se aproxima. Essa resposta é a exigência última da razão do homem”*. A gente com todas as nossas perguntas, *“chama a atenção para o destino que se aproxima. Essa resposta é a exigência da última razão do homem”*. E na página anterior, que é o ponto onde eu queria chegar, ele fala: *“Deus revela-se à sua criatura no tempo e no espaço. Portanto, em termos humanamente compreensíveis. O seu mistério, enquanto mistério, é comunicado ao homem de maneira irresistível”*. O que leva esse abraço do mundo a poder abraçar o mundo inteiro nessa abertura infinita, essa liberdade infinita, é uma escolha, é uma preferência. A semente que o Bracco falou, surge porque o Mistério, como Mistério, é comunicado ao homem de maneira irresistível. No fundo, no fundo, é reconhecer e ceder a uma atração vencedora, uma atração que é mais forte do que qualquer outra coisa, o que é espetacular do que nossa amiga contou para a gente, agora.

Bracco: Eu queria agradecer muito a vocês, pelo convite para esse encontro espetacular. Continuem assim, com perguntas à flor da pele: colocar, viver, verificar sem medo. Sem medo das crises, sem medo desse tempo. E a gente vai se ajudando a caminhar. Obrigado.

(Notas não revistas pelos autores, mantendo a linguagem falada)